

UMA LIÇÃO SOBRE A AMBIÇÃO: ECOS HORACIANOS EM *O PAI GORIOT*, DE BALZAC

Hêmille Raquel Santos Perdigão (mestranda em Estudos da Linguagem pela UFOP)

RESUMO

Uma das características marcantes da *Comédia Humana* de Balzac é a representação dos tipos humanos, tais como seus vícios e virtudes. A obra carrega, assim, uma finalidade instrutiva ao leitor, visto que ali estão dispostas as personagens cujos semelhantes estão presentes em qualquer realidade. Apesar da grande distância temporal, o romano Horácio, no século I a.C., também apresentava os tipos humanos e, como Balzac, assume, em suas sátiras, a posição de observador de costumes. O presente trabalho propõe a elucidação de elementos balzaquianos que remetem às sátiras de Horácio. Foi realizada, para tal fim, a leitura do romance *O Pai Goriot* no qual foram identificadas intertextualidades com a sátira I,I de Horácio. Conclui-se que o tema da sátira que majoritariamente ecoa na narrativa francesa é a ambição. Foi concluído, também, que, assim como em Horácio, o elemento satírico em Balzac tende ao inclusivo e ao didascálico-moralizante.

Palavras-chave: Balzac. Horácio. Ambição.

A LESSON ABOUT AMBITION: HORACE'S ECHOES IN BALZAC'S *OLD GORIOT*

ABSTRACT

One of the most important features of Balzac's *Human Comedy* is the representations of the human types and also their vices and virtues. Therefore, the work has an instructive purpose to the reader, since it presents the characters similar to people in real world. Despite of the large time gap, the Roman Horace, in the century I b.C., also presented the human types and, just like Balzac, assume in his satires the position of a observer of customs. The present work proposes the elucidation of Balzacian elements that refer to Horace's satires. For that, the novel *Old Goriot* was read and the intertextuality with Horace's satire I,I was identified. The conclusion was that the subject of the satire that most echoes in the French narrative is the ambition. It was also concluded that, just like in Horace, the satirical element in Balzac tends to the inclusive, moralizing and didactic.

Keywords: Balzac. Horace. Ambition.

“A Comédia Humana” foi como Balzac optou por intitular a sua sequência de oitenta e oito obras, escritas com o intento historiográfico e, também, com fins de elaborar um estudo de costumes da França do final do século XIX. Há hipóteses de que a escolha do título tenha sido para contrastar com “A Divina Comédia” de Dante Alighieri, trilogia em que se tem a trajetória do narrador do Inferno até o Paraíso, apresentando exemplos das consequências dos maus e dos bons costumes. Neste ponto, aproximam-se as obras de Balzac à dantesca por apresentarem enredos que ensinam ao leitor aonde dão os maus caminhos, de modo que neles também há uma moral didática.

Assim como “A Divina Comédia”, “A Comédia Humana” abarca, apesar da nomeação de comédia, outros gêneros. Por isso, a frase de Benvenuti sobre a trilogia dantesca se aplica ao extenso trabalho de Balzac: “Unde si quis velit subtiliter investigare, hic est tragoedia, satyra e comoedia.” (Benvenuti de Imola, *apud* AUERBACH, 2013, p. 163).¹ De fato, “A Comédia Humana” possui, em uma miscelânea, traços dos gêneros cômico, trágico e satírico. No presente trabalho, elucidado o que há de satírico, especificamente da sátira horaciana, em Balzac.

A aproximação entre Balzac e Horácio começa pela finalidade de suas obras. “A Comédia Humana” é um estudo de costumes da época, tendo o próprio autor admitido o desejo de deixar registros historiográficos através da apresentação dos vícios, aos quais seus contemporâneos cediam. Isso remete ao propósito das sátiras de Horácio:

A sátira de Horácio se fundamenta sobre a observação e a meditação. Através da primeira ele toma conhecimento da realidade social e humana em que vive; com a segunda ele se interroga sobre a responsabilidade dos defeitos humanos, chegando a transcender o propósito ético de verberar os vícios do tempo e criando assim uma poesia de caráter universal. (D’ONOFRIO, 1968, p. 48)

A exposição dos vícios, tanto em Horácio quanto em Balzac, não tem um caráter ablativo, mas sim inclusivo e didascálico- moralizante: “para o urbano Horácio, o riso é um

¹ “Com efeito, quem quiser investigá-lo mais sutilmente, encontrará nele a tragédia, a sátira e a comédia.” (AUERBACH, 2013, p. 163)

instrumento a serviço da causa moral; trata-se de transmitir uma lição, com uma palmada ou uma carícia, mas sempre rindo” .(MINOIS, 2003, p. 83)

Embora não fosse este o impulso inicial de Balzac, seus romances são permeados “de sentenças morais de caráter generalizador” (AUERBACH, 2013, p. 428), havendo sempre uma lição, a partir dos atos das personagens, sobre como o leitor deve ou não proceder na sua realidade. Tal característica da obra balzaquiana remete a uma outra: a presença de personagens tipos. O desafio proposto por Balzac a si próprio foi de calcular “os tipos a que se podem reduzir os componentes de uma geração.” (RONAI, 1957, p. 17) e tentar representar todos eles em sua sequência de romances.

Mais estreitos se tornam os vínculos entre os temporalmente distantes autores ao notarmos que ambos associavam seus tipos humanos aos animais. Em seu “Avant- propôs à Comédie Humaine”, Balzac explica seu trabalho, comparando a sociedade humana ao reino animal:

Le createur ne s'est servi que d'un seul et même patron pour tous les êtres organisés. L'animal est un principe qui prend sa forme extérieure, ou, pour parler plus exactement, les différences de sa forme, dans les milieux où il est appelé à se développer... [...] La Société ne fait-elle pas de l'homme, suivant les milieux où son action se déploie, autant d'hommes différents qu'il y a de variétés en zoologie? ² (BALZAC *apud* AUERBACH, 2013, p. 424-5)

Também Horácio tinha como base da sua sátira o estabelecimento de relações entre os tipos humanos e os tipos animais, além de haver, como nas fábulas, uma mensagem didascálico-moralizante.

Com o propósito de contribuir para a compreensão da proximidade entre a sátira horaciana e a *Comédia Humana* de Balzac, tomarei, para análise, a Sátira I,I de Horácio e o romance *O Pai Goriot*, de Balzac, nos quais a ambição é o vício predominantemente criticado.

Apesar de o nome do personagem Goriot estar no título, o romance tem, como personagem principal, o jovem Eugênio Rastignac que se mudara para Paris para cursar

² “O criador não se serviu de um só modelo para todos os seres organizados. O animal é um princípio que assume sua forma exterior, ou, para falar mais exatamente, as diferenças de sua forma, nos meios onde é chamado a se desenvolver ...” (BALZAC *apud* AUERBACH, 2013, p. 424).

Direito. Morava na pensão Vauquer, a qual, desde o início, é descrita como um local em que habitavam aqueles que não tinham condições de pagar por moradias mais cômodas e/ou luxuosas. A princípio, a vida do estudante era conduzida de forma simplória, priorizando os estudos, porém, ainda assim, o simples contato, mesmo que marginal, com a vida parisiense, provocou-lhe mudanças no modo de ver o que lhe era familiar. Nas primeiras férias em casa, sua família e sua antiga realidade doméstica causaram-lhe estranhamento:

Ses illusions d'enfance, ses idées de province avaient disparu, Son intelligence modifiée, son ambition exaltée lui firent voir juste au milieu du manoir paternel, au sein de la famille. Son père, sa mère, ses deux frères, ses deux soeurs, et une tante dont la fortune consistait en pensions, vivaient sur la petite terre de Rastignac. Ce domaine d'un revenu d'environ trois mille francs était soumis à l'incertitude qui régit le produit tout industriel de la vigne, et néanmoins il fallait en extraire chaque année douze cents francs pour lui. L'aspect de cette constante détresse qui lui était généreusement cachée, la comparaison qu'il fut forcé d'établir entre ses soeurs qui lui semblaient si belles dans son enfance, et les femmes de Paris, qui lui avaient réalisé le type, d'une beauté rêvée, l'avenir incertain de cette nombreuse famille qui reposait sur lui, la parcimonieuse attention avec laquelle il vit serrer les plus minces productions, la boisson faite pour sa famille avec les marcs du pressoir, enfin une foule de circonstances inutiles à consigner icic décuplèrent son désir de parvenir et lui à donnèrent soit des distinctions. Comme il arrive aux âmes grandes, il voulut ne rien devoir qu'à son mérite. ³ (BALZAC, 1939, p. 32-3)

³ “Suas ilusões de criança e suas ideias provincianas haviam desaparecido. Sua inteligência modificada e sua ambição exaltada permitiram-lhe ver claramente as coisas na casa paterna, no seio da família. O pai, a mãe, dois irmãos, duas irmãs e uma tia cujos haveres consistiam em pensões, viviam nas reduzidas terras de Rastignac. Era uma propriedade cujos rendimentos iam a três mil francos, sujeitos às incertezas das explorações dos vinhedos e da qual, no entanto, era preciso extrair cada ano mil e duzentos francos para ele. A constatação daquela penúria constante, que generosamente lhe ocultavam, a comparação que foi obrigado a estabelecer entre as irmãs, que lhe pareciam tão belas na infância, e as mulheres de Paris, que concretizavam o tipo de beleza com que sonhava, o futuro incerto dessa família que contava com ele, a parcimoniosa atenção com que viu armazenar os produtos mais insignificantes e o fato de fazerem o vinho para a família com o bagaço do lagar, uma infinidade de circunstâncias que seria inútil consignar aqui duplicaram seu desejo de vencer e deram-lhe sede de honrarias e, como acontece às almas grandes, ele quis, em primeiro lugar, dever tudo ao seu próprio mérito.” (BALZAC, 1952, p. 36)

A ambição como resultado de uma comparação é a temática da sátira I, 1, de Horácio, que se inicia com a defesa de que a ambição, conseqüente da insatisfação, está relacionada à comparação com a vida de outrem:

Qui fit, Maecena, ut nemo, quam sibi sortem / Seu ratio dederit seu fors
objecerit, illa / Contentus vivat, laudet diversa sequentes? ⁴ (HORACE,
1913, p. 232)

Nos versos de Horácio, o eu lírico destaca o fato de nenhum homem se contentar com o que lhe é dado em decorrência justamente de olhar para os que trilham outros caminhos. O que Rastignac faz é justamente isso: sua insatisfação só provém do fato de ter comparado os caminhos trilhados por seus familiares aos trilhados pelos bem sucedidos parisienses.

Adiante em “O Pai Goriot”, Rastignac, nas mesmas férias, acaba por descobrir um parentesco distante com a Viscondessa de Beauséant, a qual ele procura assim que retorna a Paris. Através dela, ele teve, enfim, o acesso ao luxo parisiense, o que resultou em um aumento exorbitante de sua ambição. Na descrição da cena, o narrador balzaquiano não é nada imparcial, metaforizando a ambição através do emprego de termos de conotação negativa, como “demônio” e “febre”: “Le démon du luxe le mordit au coeur, la fièvre du gain le prit, la soif de l’or lui sécha la gorge” ⁵(BALZAC, 1939, p. 65). A consequência imediata da maior ambição do estudante foi o maior desprezo à sua realidade, de modo que o que antes lhe era suficiente tornou-se não só estranho, mas desprezível. É o que se tem na descrição do retorno de Rastignac à pensão, após ter estado na casa de sua prima distante:

Arrivé rue Neuve-Sainte-Geneviève, il monta rapidement chez lui, descendit pour donner dix francs au cocher, et vint dans cette salle à manger nauséabonde où il aperçut, comme des animaux à un ratelier, les dix-huit convives en train de se repaître. Le spectacle de ces misères et l’aspect de cette salle lui furent horribles. La transition était trop brusque,

⁴ “Mecenas, donde vem que satisfeito / Ninguém vive no estado, que elegera, /Ou que sorte lhe dera; e aplaude aqueles/ Que a diverso propósito se aplicam?” (HORÁCIO, 1960, p. 03)

⁵ “O demônio do luxo mordeu-lhe o coração, a febre do ganho dominou-o e a sede da riqueza secou-lhe a garganta”. (BALZAC, 1952, p.65)

le contraste trop complet pour ne pas développer outre mesure che lui le sentiment de l'ambition. ⁶(BALZAC, 1939, p. 76)

Novamente, a ambição tem como causa a comparação, uma vez que a ampliação da ambição de Rastignac se dá pelo contraste entre a realidade luxuosa da prima e a da sua parca pensão. Sobre isso, Horácio apresenta o tipo animal formiga, por ser o que acumula os bens apenas conforme lhe é necessário, em contraste com o tipo humano vicioso que não descansa enquanto houver alguém mais rico:

Parvula, nam exemplo est, magni formica laboris/Ore trahit quodcumque potest atque addit acervo, / Quem struit, haud ignara ac non incauta futuri. / Quae simul inversum contristat Aquarius annum, / Non usquam prorepat et illis utitur ante / Quaesitis patiens, cum te neque fervidus aestus / Demoveat lucro, neque hiems, ignis, mare, ferrum,/ Nil obstat tibi, dum ne sit te ditior alter. ⁷ (HORACE, 1913, p. 234)

Horácio enfatiza que a formiga se dedica ao trabalho, porém, embora seja apenas um pequeno animal, tem a sabedoria de reconhecer o momento de cessar, consequente da capacidade de se satisfazer com o necessário e suficiente. Em seguida, o poeta romano acusa o tipo humano que se afasta do tipo animal formiga, a saber, aquele que julga que, enquanto houver alguém mais rico, não pode parar. Uma vez que sempre há um mais rico, o humano vicioso nunca cessa, o que Horácio julga como uma atitude de ausência de sabedoria.

A descrição de Horácio se aplica a Rastignac: do convívio com os homens mais ricos e bem vestidos de Paris, a ambição do estudante de Direito, então, indu-lo a enviar às irmãs

⁶ “Chegando à rua Nova de Santa Genoveva, subiu rapidamente ao quarto, desceu para dar dez francos ao cocheiro, e entrou na nauseabunda sala de refeições, onde viu, como animais numa manjedoura, os dezoito convivas entregues ao jantar. O espetáculo daquelas misérias e o aspecto deram-lhe uma impressão horrível. A transição fora excessivamente brusca, o contraste demasiado completo, fazendo com que se ampliasse desmesuradamente seu sentimento de ambição.” (BALZAC, 1952, p. 74 - 5)

⁷ “Pequenina formiga (eis seu modelo) / Mas grande no trabalho, quanto pode / Co’o tênue rosto arrasta, e amontoa, / Cauta prevendo as precisões futuras. /- Porém logo que o torvo Aquário abruma /Do ano espirante a inversa extremidade, / Não sai mais do buraco, e sábia goza / Do que havia granjeado: - e a ti o ardente / Estio, o Inverno, o mar, o ferro, o fogo, / Nada te obsta, e do lucro aparta, enquanto / Outrem mais abastado se te antoja.” (HORÁCIO, 1960, p. 04)

e à mãe cartas pedindo-lhes altas quantias de dinheiro. A resposta da mãe carrega um aviso da ausência de liberdade que viria caso o rapaz continuasse cedendo ao sentimento que lhe tomava o espírito: “Ta vie, ton bonheur seraient attachés à paraître ce que tu n’es pas”⁸ (BALZAC, 1939, p. 85). Conselho totalmente oposto se tem no colóquio entre o jovem estudante de Direito e o vilão Vautrin. Tendo-se em mente que a figura materna é usualmente associada à sabedoria e ao cuidado, a fala da mãe de Rastignac – moralística, contra a ambição - e a do vilão - em defesa da ambição- contrastam propositalmente, resultando na associação da ambição à vilania, à falta de sabedoria e à desobediência dos tradicionais bons costumes. Diz o vilão:

Je ne blâme pas vos vouloirs. Avoir de l’ambition, mon petit coeur, ce n’est pas donné à tout le monde. Demandez aux femmes quels hommes elles recherchent, les ambitieux, Les ambitieux ont les reins plus forts, le sang plus riche en fer, le coeur plus chaud que ceux des autres hommes.⁹ (BALZAC, 1939, p. 96)

A fala de Vautrin culmina com a proposta a Rastignac de enriquecer pela morte do irmão da senhorita Tailleffer, moradora da pensão cujo pai, por preferir o filho, deixa-a sem assistência. O plano do vilão era que o estudante de Direito se aproximasse da moça para que, quando o seu irmão fosse morto e o pai voltasse para ela a sua atenção, a jovem, tornada rica, se casasse com Rastignac, estendendo a ele sua riqueza. Vautrin providenciaria tudo, desde que o rapaz assentisse. Em troca, o vilão deveria receber uma percentagem do dinheiro que fosse obtido com o casamento.

Essa oposição entre uma figura de bondade e uma vil no ataque e na defesa da ambição, respectivamente, mostra que deixar-se dominar pela ambição é um mau conselho ou conselho dos maus, ao passo que dominar a ambição é um bom conselho, ou um conselho

⁸ “Tua vida e tua felicidade dependerão de parecer o que não és.” (BALZAC, 1952, p. 82).

⁹ “Não censuro seus desejos! Ter ambição, meu coraçãozinho, não é dado a qualquer um. Pergunte às mulheres quais são os homens que elas procuram. Os ambiciosos! Os ambiciosos têm o dorso mais forte, o sangue mais rico em ferro, o coração mais quente que os dos outros homens.” (BALZAC, 1952, p. 92).

dos bons. A divergência dos conselhos gera, em Rastignac, uma reflexão sobre virtudes. Em um solilóquio, pensa ser um martírio a fidelidade à virtude e, pensando no que lera da mãe, questiona se há alguém que seja, de fato, livre. Em seguida, desiste de qualquer forma da fácil obtenção de dinheiro, optando por enriquecer através do trabalho honesto. Por fim, contradiz-se:

Qu'y a t-il de plus beau que de contempler sa vie et de la trouver pure comme un lis? Moi et la vie, nous sommes comme un jeune homme et sa fiancée. Vautrin m'a fait voir ce qui arrive après six ans de mariage. Diable! Ma tête se perd.¹⁰ (BALZAC, 1939, p. 105-6)

Logo em seguida, o contato com o luxo das roupas que adquire causa, em Rastignac, um esquecimento de todas as suas reflexões sobre virtude. Dessa forma, a ambição é colocada como um vício, ou como algo que suprime todo o desejo de buscar ser virtuoso:

En se voyant bien mis, bien ganté bien botté, Rastignac oublia sa vertueuse résolution. La jeunesse n'ose pas se regarder au miroir de la conscience quand elle verse du côté de l'injustice, tandis que l'âge mur s'y est vu : là gît toute la différence entre ces deux phases de la vie.¹¹ (BALZAC, 1939, p. 106)

O narrador balzaquiano destaca que o personagem se olha no espelho e vê a sua aparência exterior, mas não se mira no espelho da consciência, uma vez que essa está tomada por pensamentos viciosos. Em certo ponto do romance, Rastignac, agrupado aos demais jovens habitantes de Paris, é comparado a Tântalo:

Mais si l'on vient à songer qu'il est peu d'exemples de crimes, voire même de délit commis par les jeunes gens, de quel respect ne doit-on pas être pris pour ces patients Tantales qui se combattent eux-mêmes, et sont

¹⁰ “Que há de mais belo que contemplar a própria vida e achá-la pura como um lírio? Eu e a vida somos como um moço e sua noiva. Vautrin mostrou-me o que acontece após dez anos de casamento. Que diabo! Minha cabeça já não funciona direito.” (BALZAC, 1952, p. 100)

¹¹ “Ao ver-se bem vestido, bem enluvado, bem calçado, Rastignac esqueceu sua virtuosa resolução. A mocidade não ousa mirar-se no espelho da consciência, quando ela se inclina para a injustiça, ao passo que a idade madura já se mirou nele: aí reside toda a diferença entre essas duas fases da vida. (BALZAC, 1952, p.101).

presque toujours victorieux! S'il était bien peint dans sa lutte avec Paris, le pauvre étudiant fournirait un des sujets les plus dramatiques de notre civilisation moderne.¹² (BALZAC, 1939, p. 111)

Também na sátira horaciana o mito é citado: “Tantalus a labris sitiens fugientia captat/ Flumina. Quid rides? Mutato nomine de te / Fabula narratur”¹³ (HORACE, 1913, p. 236). Segundo o mito, Tântalo era o filho de Zeus que, apesar de ser rei, privilegiado pela confiança e pelo direito de dividir banquetes com os deuses, cometeu crimes, como roubos e revelações de segredos aos mortais. Além disso, Tântalo matou o próprio filho e serviu como refeição, com a finalidade de comprovar a onisciência dos deuses, o que lhe rendeu a punição de viver com uma eterna sede que era insaciável, embora estivesse rodeado de água. Dessa forma, estava sempre perto do que desejava, mas não conseguia jamais saciar-se. A menção de Tântalo por Horácio e por Balzac tem, por finalidade, a associação da ambição à insaciabilidade, além da implícita relação com a necessidade de punição, o que reforça a ideia de que a ambição não é plausível.

Um diálogo de grande destaque em “O Pai Goriot” é o que se dá entre Rastignac e seu amigo Horácio Bianchon, sempre caracterizado positivamente, como sensato e estudioso. Bianchon, diante do desespero do amigo, conduz a conversa em tom cômico, respondendo-o com pilhérias:

Rastignac s'en alla promptement à l'Ecole de Droit, il voulait rester le moins de temps possible dans cette odieuse maison. Il flâna pendant presque toute la journée, en proie à cette fièvre de tête qu'ont connue les jeunes gens affectés de trop vives espérances. Les raisonnements de Vautrin le faisaient réfléchir à la vie sociable au moment où il rencontra son ami Bianchon dans le jardin du Luxembourg.
-Où as-tu pris cet air grave? lui dit l'étudiant en médecine, en lui prenant le bras pour se promener devant le palais.
-Je suis tourmenté par de mauvaises idées.

¹² “Mas se pensarmos como são raros os exemplos de crimes, mesmo de delitos cometidos por jovens, como nos parecem dignos de respeito esses pacientes Tântalos que se combatem a si mesmos e quase sempre vencem! Se tivesse sido bem retratado nas lutas com Paris, o pobre estudante forneceria um dos assuntos mais dramáticos de nossa civilização moderna.” (BALZAC, 1952, p.105).

¹³ “Tântalo sequioso / Tenta colher as fugitivas ondas!... / Pois que? Tu ris? – A Fábula te quadra / Basta trocar-lhe o nome” (HORÁCIO, 1960, p. 05)

-En quel genre? Ça se guéril, les idées.
 -Comment?
 -En y succombant.
 -Tu ris sans savoir ce dont il s'agit. As-tu lu Rousseau?
 -Oui.
 -Te souviens-tu de ce passage où il demande à son lecteur ce qu'il ferait au cas où il pourrait s'enrichir en tuant à la Chine par sa seule volonté un vieux mandarin, sans bouger de Paris ?
 -Oui.
 -Eh bien!
 -J'en suis à mon trente-troisième mandarin.
 -Ne plaisante pas. Allons, s'il t'était prouvé que la chose est possible et qu'il suffit d'un signe de tête, le ferais-tu ? -Est-il bien vieux, le mandarin ? Mais, bah! jeune ou vieux, paralytique ou bien partant, ma foi...Diantre! Eh bien ! non.
 -Tu es un garçon, Bianchon. Mais si tu aimais une femme à te mettre pour elle l'âme à l'envers et qu'il lui fallût de l'argent, beaucoup d'argent pour sa toilette, pour sa voiture, pour toutes ses fantaisies, enfin ?
 -Mais tu m'ôtes la raison, et tu veux que je raisonne.
 -Eh bien! Bianchon, je suis fou, guéris-moi. J'ai deux soeurs qui sont des anges de beauté, de candeur, et je veux qu'elles soient heureuses. Où prendre deux cent mille francs pour leur dot d'ici à cinq ans ? Il est, vois-tu, des circonstances dans la vie où il faut jouer gros jeu et ne pas user son bonheur à gagner des sous.
 -Mais tu poses la question qui se trouve à l'entrée de la vie pour tout le monde, et tu veux couper le noeud gordien avec l'épée. Pour agir ainsi, mon cher, il faut être Alexandre, sinon l'on va au bagne. Moi, je suis heureux de la petite existence que je me créerai en province, où je succéderai tout bêtement à mon père. Les affections de l'homme se satisfont dans le plus petit cercle aussi pleinement que dans une immense circonférence. Napoléon ne dînait pas deux fois, et ne pouvait pas avoir plus de maîtresses qu'en prend un étudiant en médecine quand il est interne aux Capucins. Notre bonheur, mon cher, tiendra toujours entre la plante de nos pieds et notre occiput ; et qu'il coûte un million par an ou cent louis, la perception intrinsèque en est la même au dedans de nous. Je conclus à la vie du Chinois.
 -Merci, tu m'as fait bien, Bianchon ! nous serons toujours amis.¹⁴
 (BALZAC, 1939, p. 123-4)

¹⁴ “Rastignac dirigiu-se em seguida para a Escola de Direito. Queria ficar o menor tempo possível naquela casa odiosa. Andou vagueando pelas ruas durante quase todo o dia, presa dessa febre mental, conhecida de todos os moços assaltados por esperanças muito fortes. Os argumentos de Vautrin faziam-no refletir sobre a vida social, no momento em que encontrou seu amigo Bianchon no jardim do Luxemburgo.
 - Que é que te deu esse ar tão sério? – perguntou-lhe o estudante de medicina, tomando-o pelo braço e levando-o a passear diante do palácio.
 - Ando atormentado por más ideias.
 -De que natureza? As ideias se curam.

A resposta de Bianchon, figura caracterizada no romance como sensata e moderada, é contra Rastignac ceder à ambição e a favor de ele optar pela simplicidade. O médico prega a felicidade independente de bens, dizendo-se feliz com a existência modesta. Até mesmo o tom jocoso durante o diálogo mostra a tranquilidade de Horácio, contrastante ao desespero do amigo ambicioso. O diálogo lembra o trecho da sátira primeira em que Horácio segue a “diatribe cínica” (BAPTISTA, 2003, p. 128), que consiste em mesclar, com maestria, crítica e riso. Essa técnica objetiva proporcionar, ao leitor, o aprendizado, de forma bem humorada, sobre quais vícios deve evitar. Trata-se do seguinte trecho:

*Praeterea ne sic, ut qui jocularia, ridens / Percurram (quamquam ridentem
dicere verum / Quid vetat? Ut pueris olim dant crustula blandi / Doctores,*

-Como?

-Sucumbindo a elas.

-Estás rindo sem saber do que se trata. Leste Rousseau?

-Sim.

-Lembras-te daquela passagem em que ele pergunta ao leitor o que faria se pudesse enriquecer matando, apenas pela vontade, um velho mandarim da China, sem sair de Paris?

-Sim.

-E então?

- Pois já estou no meu trigésimo-terceiro mandarim.

-Não gratejes. Dize-me uma coisa: se te provassem que isso é possível e que bastaria fazeres um gesto com a cabeça, tu o farias?

-É muito velho, o mandarim? Mas, não, jovem o velho, paralítico ou sadio, de modo algum... eu não faria esse gesto!

-És um rapaz digno, Bianchon! Mas, se amasse uma mulher a ponto de por ela virar a alma pelo avesso, e se precisasses de dinheiro, muito dinheiro, para seus vestidos, a carruagem, para todos os seus caprichos, enfim?

- Mas tu me privas de todo o raciocínio e queres que eu raciocine!

-Pois bem, Bianchon. Estou louco. Cura-me. Tenho duas irmãs que são uns anjos de beleza e de candura e quero que elas sejam felizes. Onde arranjar duzentos mil francos para seu dote, daqui a cinco anos? Há circunstâncias na vida, como vês, em que é preciso jogar forte e não empregar a sorte em ganhar alguns soldos.

-Ora, estás formulando a questão que preocupa toda a gente no começo da vida e queres cortar o nó górdio com a espada. Para agir assim, meu caro, é preciso ser Alexandre. De outro modo, acaba-se na cadeia. Quanto a mim, sinto-me feliz com a existência modesta que levarei na província, onde sucederei simplesmente a meu pai. As afeições do homem podem ser plenamente satisfeitas, tanto no menor círculo, como numa imensa circunferência. Napoleão não jantava duas vezes nem podia ter mais amantes do que um estudante de Medicina, que trabalha como interno nos Capuchinhos. Nossa felicidade, meu caro, estará sempre entre a planta dos nossos pés e a nossa cabeça. Quer ela custe um milhão ou cem luíses por ano, sua percepção intrínseca, em nosso íntimo, será sempre a mesma. Concluo pela vida do chinês.

- Muito obrigado. Fizeste-me um grande bem, Bianchon! Seremos sempre amigos.” (BALZAC, 1952, p. 116-7).

elementa velint ut discere prima); / Sed tamen amoto quaeramus seria ludo; ¹⁵ (HORACE, 1913, p. 233-4)

A mensagem moralizante da fala de Bianchon pode ser resumida em uma frase do que escreveu Horácio em sua sátira: “Horum / Semper ego optarim pauperrimus esse bonorum” ¹⁶ (HORACE, 1913, p. 236).

No desenvolvimento do romance de Balzac, surge a figura da Senhora de Nucingen, filha de Goriot que outrora cedeu à ambição da riqueza, casando-se com um homem também entregue ao dinheiro. Algumas sentenças ditas por ela servem de testemunho da ausência de liberdade causada pela ambição, como as seguintes: “Je ne suis point hereuse. Les chaînes d’or sont les plus pesantes.” ¹⁷(BALZAC, 1939, p. 128) e “Je vivais pressé par une main de fer. Je veux maintenant vivre simplement, ne rien dépenser” ¹⁸ (BALZAC, 1939, p. 133). Também na sátira horaciana o ouro simboliza o aprisionamento: “Quid juvat, immensum te argenti pondus et auri/Furtim defossa timidum deponere terra?” ¹⁹ (HORACE, 1913, p. 234)

Adiante no enredo francês, a ambição é novamente apresentada como doença, e, pior, algo cujo porvir não se tem conhecimento:

Rastignac, semblable à la plupart des jeune gens, qui, par avance, ont goûté les grandeurs, voulait se présenter tout armé dans la lice du monde; il en avait épousé la fièvre, et se sentait peut-être la force de le dominer, mais sans connaître ni les moyens, ni le but de cette ambition.²⁰ (BALZAC, 1939, p. 197)

¹⁵ “Vamos avante: porque enfim gracejos / Não têm aqui lugar. – E que me tolhe / Dizer, rindo, a verdade? Assim confeitos / Aos meninos reparte afável mestre / Para que o abecê de gado aprendam. / Longe graças contudo. Investiguemos seriamente a verdade.” (HORÁCIO, 1960, p. 04)

¹⁶ “Riquezas tais, eu, nem por sonho as quero.” (HORÁCIO, 1960, p. 06)

¹⁷ “Não sou feliz. As cadeias de ouro são as mais pesadas.” (BALZAC, 1952, p.121)

¹⁸ “Eu vivia comprimida por uma mão de ferro. Quero, agora, viver com simplicidade e sem gastos.” (BALZAC, 1952, p. 125).

¹⁹ “Que te vale enterrar de prata, e outro / Temeroso, a ocultas, peso imenso!” (HORÁCIO, 1960, p. 04)

²⁰ “Rastignac, como a maioria dos jovens que provaram antecipadamente o gosto das grandezas, queria apresentar-se perfeitamente armado na lição do mundo. Enchera-se da febre das grandezas e sentia-se, talvez, capaz de dominá-las, sem, porém, conhecer os meios nem o fim dessa ambição.” (BALZAC, 1952, p.183).

Entrecruzada à trajetória de Rastignac está a do personagem que intitula o romance: o pai Goriot. Já senil, foi um homem que dedicou sua vida a garantir às filhas o luxo, o que fez com que elas se tornassem cada vez mais ambiciosas. No final de seus dias, vê suas filhas infelizes, privadas de liberdade, como consequência de terem sido dominadas pelos maridos. Os atuais maridos foram homens com quem, anteriormente, as filhas de Goriot ambicionavam se casar, de modo que a infelicidade delas se deu justamente por terem cedido às ambições. Também Goriot, indiretamente, foi dominado pelo mesmo “demônio” ou afetado pela mesma “febre”, visto que ambicionava exorbitâncias para as moças, ao invés de educá-las para se contentarem apenas com o necessário. No seu fim, o velho não tem a companhia nem os cuidados das filhas; apenas Horácio Bianchon e Eugênio Rastignac lhe assistem. A situação do moribundo tem a didática semelhante à da sátira horaciana:

*At si condoluit temptatum frigore corpus / Aut alius casus lecto te adflixit,
habes qui/ Adsideat, fomenta paret, medicum roget, ut te / Suscitet ac
reddat gnatis carisque propinquis? / Non uxor salvum te vult, non fillius;
omnes / Vicini oderunt, noti, pueri atque puellae. / Miraris, cum tu
argento post omnia ponas, / Si nemo praestet, quem non merearis,
amorem?*²¹ (HORACE, 1913, p. 237)

Os versos de Horácio representam o fim de Goriot, visto que ele mal tem quem lhe faça companhia e que lhe dê o tratamento adequado a um doente. Enquanto a sátira questiona sobre a possibilidade de o ambicioso ter um fim solitário, o romance balzaquiano exemplifica a consequência da “ambição oblíqua” de Goriot. Vendo o fim do velho colega, o estudante de Direito dirige-se ao de Medicina:

*Mon ami, lui dit Eugène, après voir regardé le vieillard endormi, va
poursuis la destinée modeste à laquelle tu bornes tes désirs. Moi, je suis en
enfer, et il faut que j'y reste. Quelque mal que l'on te dise du monde, crois-*

²¹ “Mas se o corpo, de frios assaltado, / Se dói, ou qualquer mal na cama o prende, / Terás quem te amezinhe, quem te assista, / Médico chame, te erga, e restitua / A teus queridos filhos, e parentes. / Nem filhos, nem mulher te querem salvo: / O ódio serás de toda a vizinhança, / De quantos tua sordidez conhecem, / Té das próprias crianças. E te admiras / De não achar o amor, que não mereces, / Se dás, em tudo, a preferência ao ouro?” (HORÁCIO, 1960, p. 06)

le ! Il n'y a pas de Juvénal qui puisse en peindre l'horreur couverte d'or et de pierreries.²² (BALZAC, 1939, p. 230).

Anteriormente no romance, Juvenal também havia sido mencionado, porém comparado a Vautrin. (BALZAC, 1952, p. 26). De fato, o vilão é quem percebe e verbaliza a ambição que consome Rastignac e é quem apresenta o mundo ao jovem como um local em que os virtuosos não são valorizados. Dessa forma, Vautrin seria um contraditório Juvenal do século XIX, que não só observa, percebe e anuncia os vícios alheios, mas, contraditoriamente, obtém lucros a partir deles. Seria, assim, um satírico invectivo que é, também, o próprio invectivado. A menção de Juvenal por Rastignac, no momento da morte de Goriot, indica que o mundo se revelou, a ele, ainda pior que o vilão Vautrin outrora lhe dissera em seus diálogos. A menção a Juvenal representa, também, a referência à sátira latina, remetendo à necessidade do gênero mesmo em uma sociedade distinta da romana antiga, visto que ainda havia vícios a serem denunciados. Em sua Poética, Aristóteles distingue, pioneiramente, o cômico em dois subgêneros: um vituperioso, ao qual chama ψόγον (*psógos*)²³ e outro, sem vitupério nem dor, chamado γελοῖον (*guelóion*)²⁴:

Nos poemas “invectivos” veio a se introduzir, como convém, a métrica iâmbica, - eis porque agora são denominados poemas “iâmbicos” -, pois esses eram os versos utilizados para a troca de injúrias. Assim, entre os antigos, uns se tornaram poetas de versos heroicos, outros de versos iâmbicos. Quanto a Homero, tal como foi o supremo poeta de temas elevados [...] foi também o primeiro a delinear as formas da comédia; dando forma dramática não à invectiva, mas ao cômico. (ARISTÓTELES, 2017, p. 60)

O que Paulo Pinheiro traduz como “invectiva” e “cômico” são, respectivamente, os termos ψόγον (*psógos*) e γελοῖον (*guelóion*). Adiante no texto aristotélico, tem-se a definição

²² “Meu amigo, disse-lhe Eugénio, após ter contemplado o ancião adormecido - vai. Continua no destino modesto a que limitas teus desejos. Quanto a mim estou no inferno e preciso permanecer nele. Por piores que sejam as coisas que te contem do mundo, acredita! Não há Juvenal capaz de descrever o que há nele de horror coberto de ouro e pedrarias.” (BALZAC, 1952, p. 210-1)

²³ invectivo, vituperação, maledicência, riso com dor.

²⁴ ridículo, riso sem dor.

do *guelóion* como “um determinado erro e uma vergonha que não causam dor e destruição.” (ARISTÓTELES, 2017, p. 67). Explica melhor Hansen, sobre os termos gregos:

Nos dois subgêneros aristotélicos do cômico (*guelóion*, traduzido em latim por *ridiculum*, e *psógos*, traduzido por *maledicentia*), *guelóion* é deformação descrita para fazer o destinatário rir sem dor, pois efetua a feiúra própria dos vícios fracos caracterizados pela falta de virtude, como a covardia em relação à coragem; o *psógos*, vituperação ou *maledicentia*, aplica-se como deformação não-ridícula que causa horror e dor, pois produz feiúra própria dos vícios fortes, caracterizados pelo excesso, como a temeridade em relação à coragem. (HANSEN, 2006, p. 95)

A sátira horaciana pode ser classificada como *guelóion* por apresentar um riso que, ao invés de causar dor, tem uma função didascálica-moralizante. Já a sátira de Juvenal tem a função de apontar o objeto do riso para apartá-lo de um meio: Assim, no *psógos* o objeto da invectiva é tido como uma parte cuja inferioridade é tanta que o melhor a se fazer é usar o riso para excluí-la de meio. Por outro lado, o *guelóion* se diferencia por ensinar o objeto da comicidade, para que ele possa se reabilitar para melhor se integrar. Levando em conta os diálogos de Rastignac com Vautrin e Bianchon, percebemos que, enquanto Vautrin representa o *Ψόγος*²⁵ do satírico Juvenal, Bianchon representa o *γελοιοιν*²⁶ do satírico Horácio, visto que Vautrin causa horror ao jovem Rastignac, ao passo que Horácio Bianchon dialoga com o amigo utilizando-se da diatribe horaciana.

Duas formas de observar o homem em sociedade; duas formas de questionar hábitos e atitudes: Horácio sorri dos costumes execráveis de seus semelhantes; Juvenal deixa-se levar pela indignação. (MOTA, 2002, p. 02)

²⁵ invectivo, vituperação, maledicência, riso com dor.

²⁶ ridículo, riso sem dor.

Após a leitura dos excertos do romance “O Pai Goriot”, percebe-se que ele é, então, iniciado e terminado com uma referência à sátira romana. Além do que, em diversas páginas há alusões à sátira I,1 de Horácio. Fica, assim, evidente a presença explícita da sátira romana nas falas das personagens balzaquianas, em meio ao trágico e ao cômico da “Comédia Humana”. Pode-se dizer que “O Pai Goriot” se parece com um prisma que recolhe e difunde raios de luz, (RONAI,1957, p. 49) dentre os quais, os raios dos sermones de Horácio.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BALZAC, Honoré de. **O Pai Goriot**. Editora Globo: Porto Alegre, 1952.
- BAPTISTA, Dina Maria Silva. Imagens animais nos Sermones horacianos. In: MORA, Carlos de Miguel. **Sátira, paródia e caricatura: da antiguidade aos nossos dias**. Aveiro, Portugal: Centro de Línguas e Culturas – Universidade de Aveiro, 2003.
- D’ONOFRIO, Salvatore. **Os motivos da sátira romana**. Marília, 1968.
- HANSEN, J.A. “Categorias Epidíticas do Retrato” in **Revista USP**, São Paulo, v. 71, p. 85-105, 2006,
- HORACE. **Oeuvres d’Horace: édition classique**. Paris: Librairie Garnier Frères, 1913.
- HORACIO; OVÍDIO. **Sátiras; Os Fastos**. Rio de Janeiro: Jackson, 1960.
- MOTA, A. J. Horácio: poeta crítico e social. **Revista do GENLE**, Natal, v.4, n.2, p. 1-5, 2002.
- MINOIS, Georges; Assumpção, Maria Elena O. Ortiz. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.
- RONAI, Paulo. **Balzac e a Comédia Humana**. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.